
O ESPAÇO DAS NAÇÕES
— PANORAMA PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL —

José Lopes Alves

O ESPAÇO DAS NAÇÕES
— PANORAMA PÓS - SEGUNDA GUERRA MUNDIAL —

SUMÁRIO

I — *Introdução histórica*

II — *O conceito de espaço no pós-guerra*

III — *Considerações parcelares*

- a) *O espaço dos Estados Unidos*
- b) *O espaço da União Soviética*
- c) *Os espaços do Reino Unido e da França*
- d) *O moderno espaço da Alemanha*
- e) *O espaço do Japão*
- f) *O espaço da República Popular da China*

IV — *A convergência dos espaços*

V — *Os espaços no Pacífico*

VI — *«Requiem» pelo espaço Americano?*

VII — *Algumas conclusões*

1. INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Foram os nacionalis-socialistas alemães, tendo à sua frente a figura carismática de Adolfo Hitler, que exaltaram, robusteceram e projectaram, entre o início dos anos vinte e o termo da Segunda Guerra Mundial, em 1945, mas, fundamentalmente, entre os anos de 1933 e de 1942, o conceito de espaço nacional— o então designado «*espaço vital*» (*lebensraum*), tornando-o por outro lado «maldito» pelos estudiosos da Geopolítica e pelos que, mais ou menos directamente, tiveram de arrostar com os efeitos decorrentes da tentativa da sua execução.

Não foi, no entanto, originado só por um homem ou por uma organização, nem mesmo foi instantâneo, o aparecimento do conceito; pensadores, filósofos e homens de Estado, quer civis, quer militares, entre os quais se podem destacar Ratzel, Kjellen, Haushoffer, Ludendorff e Haeckel, contribuíram voluntária ou involuntariamente para a formação da sua teoria cujos efeitos se tornariam desastrosos não só para a Alemanha mas, também, para as restantes potências principais do Eixo, a Itália e o Japão.

A reivindicação do «espaço vital» constituía de facto o ponto terceiro do programa do Partido Nacional-Socialista, alargando-se concretamente a três vectores especificamente tratados no mesmo programa:

- «espaço vital» para extensão do território da Alemanha a determinadas áreas vizinhas, em especial da Europa Oriental, consideradas na sua zona de influência;
- «espaço vital» para a produção de bens agrícolas e industriais indispensáveis à manutenção de todas as populações alemãs, consideradas a «raça superior»;
- «espaço vital» para repovoamento com populações alemãs excedentes do solo alemão e expurgadas de influências genéticas alheias, em especial de populações judias.

Era este o sonho duma Grande Alemanha que, como reza a História, tomaria seis anos da vida da Humanidade na perpetração de arbitrariedades de todos os tipos e de todos os domínios que originariam muitos milhões de vítimas e cuja execução iria abranger acções de estratégia directa e indirecta com características gerais, na verdade muito exacerbadas, de:

- violência, entre Estados e entre Sociedades;
- racismo;

— anticomunismo, este como oposição global e oposição ao Estado Soviético que albergava o marxismo-leninismo e o apoiava por toda a parte.

A imposição política, associada ao vector militar, constituiria o ingrediente natural principal para a cimentação da teoria nos extensos espaços europeus e para a construção da sua influência em todas as áreas do Globo tidas por fundamentais, explorando-se ainda as motivações ideológica e religiosa na medida em que favorecessem ou desfavorecessem em determinado momento as directivas políticas ou estratégicas traçadas. Visava-se obter um conjunto territorial e social cujas dimensões, acompanhando Max Weber, deveriam «ser determinadas pelo carácter subordinativo das relações entre pessoas e grupos» o que implicava, portanto, «fenómenos de dominação racional, tradicional ou carismática».

A política da Nova Ordem da Alemanha afirmava, deste modo, o seu direito de conquista em nome das necessidades de ordem económica.

Conceitualmente, o *espaço nacional* surge, portanto, como englobante final dum espaço social e económico concreto sobreposto aos espaços geográfico, político e estratégico que lhe servem de esteio.

O *espaço geográfico* constitui de facto a base em que todos os outros espaços assentam; o *espaço económico*, mais influente em dado momento que todos os outros, «abrange em abstracto o conjunto nacional ou supranacional das relações de interesse para a economia em causa», nele se ligando e interpenetrando as teorias da localização, do multiplicador inter-regional ou internacional e do desenvolvimento regional.

Todavia, a teoria do espaço económico incluída na mística hitleriana de espaço apresentava uma ideia de *evolução* cuja realização se ligava ao termo, admitido vitorioso para o Eixo, da Segunda Guerra Mundial que desencadeara.

Foram o pensador Kuske, com os seus *complexos parciais*, e os pensadores Wegemann e Hunke, estes criadores do *complexo total*, que expuseram o sentido dessa ideia, apontando a inviabilidade da inteira independência económica dos Estados e a conseqüente necessidade de, terminada a guerra, se constituírem complexos económicos dirigidos pelas Nações vencedoras, isto é, pelas que se tivessem afirmado como mais fortes.

Mas seriam as Nações do Bloco Aliado — os Estados Unidos, nomeadamente, o Reino Unido e a França, estas com o auxílio daquela — que iriam realizar efectivamente a referida *evolução*, seguindo-se-lhes muito mais tarde os países vencidos — também com largo apoio do seu ex-adversário americano.

2. O CONCEITO DE ESPAÇO NO PÓS-GUERRA

Como o próprio Estado Alemão demonstrou com as suas intervenções preliminares da Segunda Guerra Mundial, um espaço reputado necessário às populações duma Nação para expressão das suas «admitidas» qualidades, para instalação ou imposição de meios de pessoal e de material disponíveis ou para prover a necessidades particulares ou colectivas de defesa pode hoje *ser construído* pela utilização de acções directas e indirectas de todos os domínios, mas em que a característica de violência generalizada seja afastada.

Verifica-se, de facto, conjugando o contexto daquelas intervenções com o das que a prática ulterior vem apontando, que essa construção abrange nos tempos actuais as *modalidades* seguintes:

- ocupação territorial, recorrendo ou não a violência, mas esta sempre limitada;
- acção política;
- acção (expansão) económica;
- acção (expansão) ideológica.

Para além da primeira modalidade, de que a movimentação de agentes é característica, é subjacente a qualquer das restantes a possibilidade da sua materialização pelo recurso à instalação de populações próprias ou afectas nas áreas em causa.

A primeira modalidade está, no entanto, praticamente fora de moda, mesmo entre os países do denominado Terceiro Mundo. A sua utilização estará no entanto sempre ao alcance de Estados que por falha das outras ou incapacidades da sua montagem não vislumbrem, tendo meios de força, outra alternativa, formando-se então um «*quisto*» inter-Nações que estas têm de tratar ou, mais radicalmente, de extirpar.

As três últimas modalidades são hoje, portanto, as que se apresentam mais adequadas à realização dum espaço nacional e à assunção das suas finalidades.

Deste modo, Hitler terá sido o último governante duma grande Nação que, dando corpo às ideias de muitos milhões de alemães, utilizou a violência global para concretizar a teoria de Ratzel segundo a qual «o homem tem necessidade de abranger território suficiente para a completa e perfeita efectivação dum espaço político forte e respeitado», propalando ao mesmo tempo a «superioridade da raça alemã e da Alemanha».

Utilizando para isso eficiente e dedicado Estado-Maior, dividiu esse grande objectivo nacional em vários objectivos políticos e estratégicos parcelares e lançou-se avidamente sobre eles em operações de guerra ou em simples manifestações de força mais ou menos espectaculares que confundiram de início os seus opositores e a que deram indispensável apoio outros alemães já instalados nos territórios visados e elementos «quinta-colunistas» dos respectivos países.

Foram assim ocupados mais ou menos pacificamente os territórios do Ruhr, do País dos Sudetas, na Checoslováquia, e da Áustria e, então já em guerra declarada, da Polónia... E a tentativa imediata, que afinal se revelou infrutífera, de ocupar as extensas regiões do trigo e do petróleo da União Soviética foi a última manifestação dessa política de ressurgimento da Alemanha em detrimento de terceiros países que fora visada.

Desde então, na realidade, o *equilíbrio dissuasor* estabelecido com meios próprios ou de terceiros países e as *alianças* bilaterais ou multilaterais firmadas tornaram tal prática inoperante à escala global, só sendo imaginável no reajustamento local de áreas limitadas em que sejam litigiantes pequenos países, isto é, países sem dimensão capaz de perturbar instantaneamente o, ainda que permanentemente instável, equilíbrio internacional.

Assim, o contexto da teoria alemã de *espaço* continuou a ser efectivamente explorado por muitas potências na mira de, permanentemente:

- se projectarem economicamente no Mundo do pós-guerra;
- se defenderem e aos seus eventuais aliados no «espaço realizado»;
- se imporem ideologicamente;
- se oporem a ideologia ou ideologias contrárias, suas ou do conjunto político e estratégico em que se encontrem integrados.

Foi-se desenvolvendo afinal, fora e dentro da Alemanha, a aplicação das teorias dos complexos já referidas relativas à reestruturação sócio-político-económica do Globo no período a seguir à Segunda Guerra Mundial.

Os casos mais determinantes dessa aplicação bem como o seu relacionamento e a sua comparação possíveis merecem tratamento específico.

3. CONSIDERAÇÕES PARCELARES

a. *O espaço dos Estados Unidos*

Não tendo sentido os efeitos do conflito no seu próprio território, o que, na realidade, veio a constituir indiscutível vantagem não só para o país mas, pela influência determinante nas possibilidades de recuperação, também para os seus aliados, os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como potência muito destacada alicerçada num poderio material e anímico que ofuscava o de todos os Estados. «O Tio Sam governava o Mundo ainda que o Velho Ocidente, fundamentalmente os países europeus, não desejasse a nova dominação surgida», realizando conjuntamente e pela primeira vez as teorias geopolíticas de Mackinder — na sua forma dos anos quarenta — e de Spykman e contrapondo-se ainda, quanto à primeira, à expressão livre do «heartland», o território nuclear russo, que aquele geógrafo imaginara nos princípios dos anos vinte.

Efectivamente, como afirma conhecido comentarista, a Nação americana «impunha-se em Londres com o mesmo à vontade com que o fazia na sua própria capital, em Washington»; e, com relativa excepção da França já então empenhada em singrar com certa independência, todos os outros vencedores do conflito curvavam-se reverentes e silenciosos perante o seu pujante potencial.

A situação interna dos países era na realidade muito diferente. «Dois terços do ouro mundial encontravam-se nos cofres americanos e acumulavam-se no território do país todas as armas atómicas até então existentes e as infra-estruturas mais avançadas capazes de as produzirem»; por toda a parte, desde a Europa Central ao oceano Pacífico, incluindo os países da bacia mediterrânica, do Médio Oriente e da Ásia, havia a claudicação de todas ou de quase todas as estruturas económicas, sociais e humanas, a destruição, o caos, a fome de alimentos e a falta de ideias para sobreviver; o «Século Americano» despontava, portanto, num panorama geopolítico e geoestratégico global que era desolador.

O quadro apresentava-se, porém, ainda mais carregado. Das imensas planícies russas começava nova cavalgada da ideologia marxista-leninista,

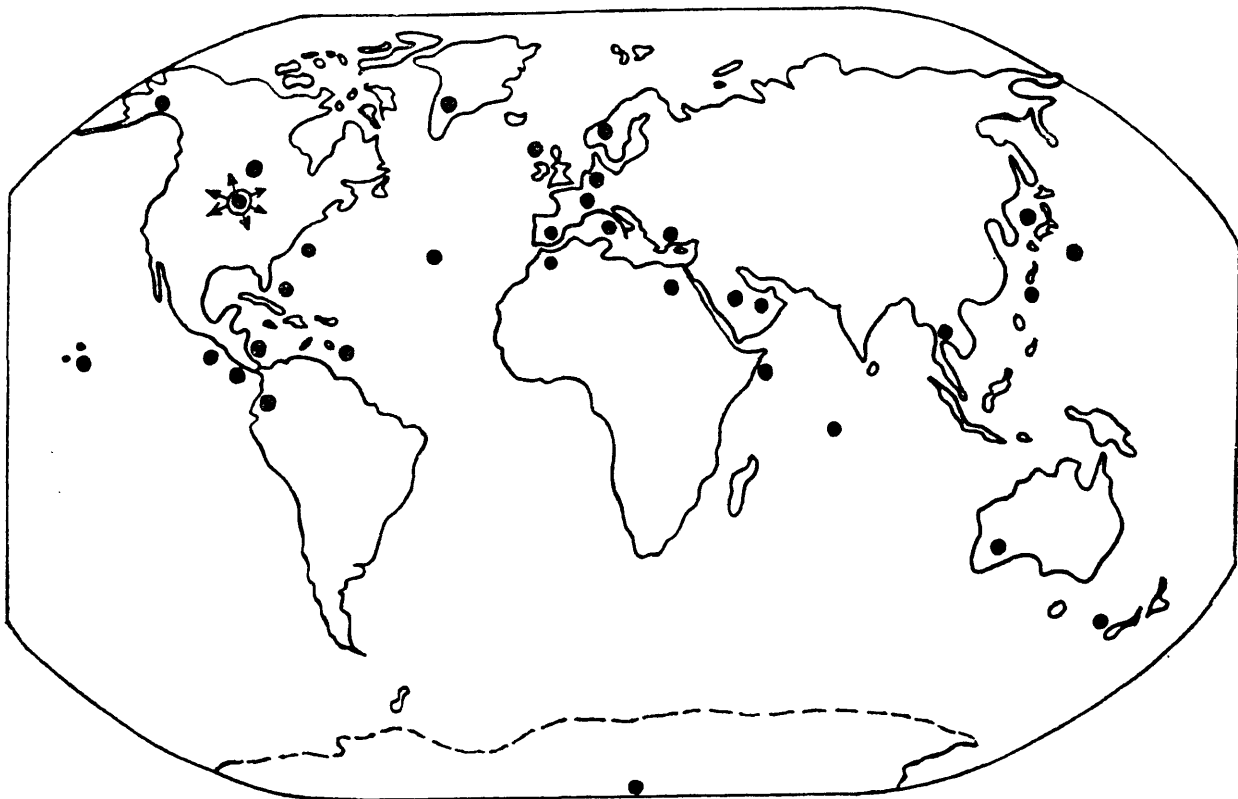


Fig. 1 — ESQUEMA GERAL DOS PRINCIPAIS PONTOS DE APOIO DO ESPAÇO DOS ESTADOS UNIDOS
(De um conjunto de 374 bases, com efectivos entre 60 e 260 000 homens, num total de 600 000).

já então alongada para as fronteiras dos países satélites europeus, visando aproveitar o descalabro geral para se expandir e dar corpo ao imaginado Império Comunista; manifestavam-se já em muitos outros países *núcleos de apoio* às linhas de força soviéticas, muitos deles nascidos de estruturas operacionais e políticas de Movimentos de Resistência constituídos durante a luta.

Paralelamente ao americano, um vigoroso «Século Soviético» parecia encetar igualmente uma caminhada proveitosa.

Era de facto sobre este Mundo em ruínas e de antagonismos que pairava enorme e desinibida, embora chorando os seus muitos milhares de mortos e de incapacitados, a altiva Águia Americana que nele reconhecia recordações de recentes glórias a par de evidentes sinais de perigo.

Impunha-se-lhe, portanto, agir de imediato e em todas as frentes sobre o crescente desequilíbrio estabelecido — extremamente prejudicial também para a segurança e para a continuidade da própria superpotência — lançando larga mão das duas possibilidades que a recuperação mais exigia: o *dinheiro amealhado* no seu território e o prosseguimento da presença dos seus *militares* e dos seus *técnicos* em todas as áreas do Globo política e estrategicamente vulneráveis à activa e latente ameaça de Leste.

Deste modo, por razões humanitárias, de projecção económica e política e, globalmente, de defesa do seu todo nacional em todos os Quadrantes, o país sentiu nessecidade de obter um espaço nacional alargado e de nele constituir e impor uma forte e saliente Zona de Potencial.

E realizou efectivamente com persistência e muito labor essa extensão indispensável.

A construção -do espaço americano constituiu assim uma decorrência natural e directa da Segunda Guerra Mundial, tendo vindo a ser mantido desde então, ainda que com muitas dificuldades — recorde-se o Vietname até 1972 e a Líbia em 1985 — com recurso a modalidades de pressão indirecta e directa de todos os domínios, de ameaça declarada e de acção militar limitada; e é imensa, como é conhecido, a estrutura estatal americana de todos os sectores que alimenta e faz viver hoje todo esse espaço.

b. *O espaço da União Soviética*

Também um dos países vencedores da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética saiu, no entanto, do conflito muito macerada nas suas populações,

nas suas cidades e aldeias e na generalidade das suas estruturas económicas e industriais mas com uma massa de efectivos militares experiente, aguerrida e impregnada da ideologia marxista-leninista tão receada na totalidade dos países do Ocidente. E foram este enorme potencial militar, a persistência daquela ideologia, as muitas e diversificadas possibilidades do seu extenso território e os dilatados limites a que pôde chegar no conflito que, apesar do conjunto desmesurado dos danos sofridos, a guindaram de imediato à posição de superpotência mundial em paralelo com os Estados Unidos.

Não existia, porém, ainda nos seus arsenais a arma atômica — o que só se verificaria dez anos mais tarde — mas o carácter revolucionário do marxismo-leninismo, a força imprimida à sua expansão e a imbricação político-militar das suas volumosas forças haviam-na caracterizado, muito antes do termo da guerra, como *adversário* a considerar.

Nesta situação, aproveitando a sua posição de força do pós-guerra — que desenvolveu também, aliás, com o auxílio do grande aliado americano —, de sejeando firmemente realizar os seus Objectivos Nacionais, os presentes e os ancestrais, e estabelecer paralelamente, pronta a funcionar, a defesa eficiente de todo o complexo que constituía o seu mundo, o país lançou-se na construção efectiva do espaço nacional que idealizava com todos os meios, os de força e outros, disponíveis numa simbiose de comportamento clássico-revolucionário seguido e explorado no tempo e no espaço que mais lhe convinham.

Esse também enorme *espaço* chegou particularmente incólume aos nossos dias, exibindo uma característica de estruturação particular que não se encontrou jamais na estruturação do espaço dos Estados Unidos nem no de qualquer dos seus aliados, ou seja, a *ideologia* cimentadora, materializada em muitas capitais e áreas do Globo, como se referiu, por núcleos de observação e de apoio de civis e militares e com afirmação e projecção muito mais activas, mas geralmente indirectas, que a dos pontos e bases de apoio americanos — como é conhecido, eles comandam permanentemente governos, influenciam estruturas e mentalizam populações, prestando a Moscovo a melhor colaboração.

No âmbito interno da União, a existência e o aproveitamento da ideologia permitiu-lhe atingir nível de aparente coesão que os países do Ocidente ainda não puderam igualar. E, como a NATO em relação ao espaço dos Estados Unidos, o Pacto de Varsóvia foi o seu elemento de consolidação e



Fig. 2 — ESQUEMA GERAL DOS PRINCIPAIS PONTOS DE APOIO DO ESPAÇO DA URSS E DA LOCALIZAÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS E AFINS

- 1) Pontos de Apoio (●) — Efectivos entre 50 e 120 000 homens num total de 205 000.
- 2) Partidos (F) — De um total de 106.

de realização no tempo de todas aquelas finalidades, destacando-se até princípios de 1986 o seu carácter hermético e duro ainda que com laivos de aligeiramento global ou local quando os interesses do país o têm exigido.

A partir de tal data, todavia, não podendo continuar imune à evolução, facilmente constatável, de países, de Estados e, fundamentalmente, de mentalidades, nomeadamente de muitas que o vêm servindo mais ou menos fielmente durante os últimos quarenta e cinco anos, o Império Soviético começou a apresentar fracturas nos âmbitos interno e externo, culminando nos primeiros meses daquele ano com a proclamação da «abertura» e da decorrente e consequente «reestruturação» feita por Mikhail Gorbachev.

É lógico pensar por tudo isto que o actual espaço Soviético já não apresenta a textura de dois ou três anos atrás e que em futuro muito próximo verá substancialmente reduzidas as suas actuais dimensões.

c. Os espaços do Reino Unido e da França

A similitude das características que definem os dois espaços nacionais levam-nos a considerá-los conjuntamente.

Igualmente vencedores da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido e a França terminaram o conflito com extensas e profundas feridas às quais iriam juntar-se nos anos a seguir as decorrentes da libertação e independência das suas colónias e domínios africanos e asiáticos. Na realidade, este último factor conduziu em termos territoriais e humanos e outros consequentes a acentuado grau de redução das dimensões e da influência internacional do respectivo Conjunto.

Não sobreveio, porém, nestes processos adormecimento de qualquer natureza. Pôde assistir-se logo a seguir ao revigoramento do *espaço* de cada país alicerçado na consciência da respectiva história, na capacidade de trabalho das suas populações, no auxílio e cooperação resultantes da aplicação do Plano Marshall e na imediata adaptação orgânica, política e económica à situação que passou a existir após a separação dos seus ex-territórios de Além-Mar; produziu-se, além disso, a materialização da sua vitória sobre os países do Eixo pela ocupação de áreas no território da Alemanha, de início para imposição e fiscalização do cumprimento das cláusulas do

tratado de Paz e, cerca de uma dezena de anos depois, por meados da década de cinquenta, como membros da Aliança Atlântica então na realização das normas e do dispositivo de defesa comum face a Leste.

A política dos dois países relativamente aos antigos domínios, extraordinariamente excitados pelo sopro do apelidados «*ventos da história*», orientou-se, após naturais agitações internas, divergências e períodos de instabilidade, em especial na França, para o estabelecimento imediato de novos laços de ordem política, económica e militar através dos quais o antigo dominador procurou tirar o melhor proveito das linhas de acção que então se apresentavam.

Desde então, os sucessivos governos dos dois países têm pugnado, indo mesmo até à violência limitada necessária, pela manutenção e consolidação do novo espaço em que cada um deles procura viver e se engrandecer.

A determinação e a consciência efectiva desta política pode ser exemplificada pelo casos seguintes de intervenção militar activa na defesa do «status quo» estabelecido por acordo na respectiva Comunidade:

- acção armada do Reino Unido nas Ilhas Malvinas ou Falklands, em 1982, contra reivindicações territoriais da Argentina;
- sucessivas acções de força do Corpo Especial de Intervenção da França nos territórios dos seus antigos domínios, a pedido dos governos respectivos, como no Chade.

d. *O moderno espaço da Alemanha*

País finalmente vencido com todas as *penalidades* que o facto comportou, a Alemanha viu no termo da guerra o seu território retalhado e ocupado pelas potências vencedoras e cair assim pela base o «espaço vital» que sonhara e pelo qual se empenhou com todos os seus meios de força e dos países seguidores e com todos os factores de todos os domínios em que esse potencial se firmava.

Todavia, as reais qualidades de trabalho e de organização da generalidade do seu Povo, o auxílio recebido ao abrigo do Plano Marshall e certo grau de aligeiramento no cômputo inicial das indemnizações de guerra exigidas pelos Aliados congregaram-se de tal modo que a sua situação económica se encontrava em avançado estado de recuperação, excedendo mesmo a dos

países vencedores, meia dúzia de anos após o termo do conflito. Foi o «milagre económico alemão» no território da República Federal.

Acompanhando este aturado desenvolvimento económico, não tardaria a vir também ao de cima a sua elevada relevância política e militar no centro da Europa, tornada aliás necessária à expressão da força da Aliança Atlântica pela instabilidade das instituições internas da França e das suas manifestações. É então admitida em 1955 como seu membro de pleno direito e constitui algum tempo depois o seu elemento mais forte depois dos Estados Unidos.

Assim, naturalmente, o país retoma a preponderância entre as Nações da Europa e do Mundo a que chegara nos anos trinta e, sempre atento à necessidade de evolução da Organização, da Técnica e da Cultura imposta pelo pós-guerra, procura recuperar o espaço que naquele período lhe correspondia. E conseguiu-o, efectivamente, prosseguindo hoje o seu caminho na via da euforia que os seus vizinhos europeus sempre recearam, admitindo mesmo alguns que, escudada nesse progresso, poderá estar de regresso a sua mentalidade *perturbadora continental* histórica que por vezes tem manifestado enquanto outros se inclinam para a credibilidade na sua mudança de comportamento após quarenta anos de vida pacífica e cooperante efectiva com as demais Nações.

Não é fácil, como se conhece, penetrar, mesmo cautelosamente, no futuro do equilíbrio do Globo. Os factores geopolíticos e geoestratégicos dos diversos países e alianças podem conduzir, ainda que analogamente estudadas e interpretadas, às conclusões e às decisões políticas e estratégicas mais variadas, principalmente se os Estados resolverem, *patrioticamente*, dar projecção a elementos conscientemente errados que lhes pareçam influentes e importantes.

No caso em apreço, todavia, para além da tentativa de reunião das duas Alemanhas que as contingências da guerra e da política separaram e pela qual suspira a generalidade dos alemães, há que admitir que deverá continuar a pôr-se ao Povo Alemão a necessidade de espaço adequado à expressão das suas possibilidades em todos os domínios.

Será desejável, porém que essa expansão continue a enveredar por vias pacíficas, como nas últimas décadas, no respeito indispensável dos anseios

e objectivos das outras Nações e, conseqüentemente, da estabilidade internacional.

e. O espaço do Japão

O Japão foi outro dos grandes vencidos da Segunda Guerra Mundial, tendo-lhe sido negado, à custa de muitas baixas e danos materiais sofridos por todos os contendores, o *espaço* que sonhara obter também pela violência.

Veio a verificar-se, todavia, que conseguiria realizar nos tempos actuais, e apenas pela via económica e financeira, esse mesmo espaço, tirando partido simplesmente da capacidade de trabalho e de organização das suas populações, da sua habilidade natural, da sua disciplina, da sua frugalidade e da harmonia social implantada no seu território, a ponto de se poder falar modernamente também dum autêntico Império Japonês alargado a todos os cantos do Mundo, desde o Pólo Norte ao Pólo Sul.

Na realidade, o exíguo espaço físico do país expandiu-se de modo firme após ter atingido adequado nível de desenvolvimento interno, criando no exterior núcleos das suas principais empresas nacionais, montando outras de raiz, participando ainda noutras que julga rentáveis, emprestando técnicas e fazendo circular velozmente os seus agentes e os seus produtos. A sua «*diáspora*» abrange acções em grande escala, criando interesses e mercados dependentes, «como aliás fizeram a Inglaterra na segunda metade do século XIX e os próprios Estados Unidos até ao início do último quartel deste século XX, pelos anos setenta e cinco.

Esta situação, que também pode rotular-se de «milagrosa» no conjunto económico global, não teve só por fulcro, porém, as características de comportamento positivo das populações japonesas que foram apontadas. Como a sua correspondente da Alemanha, foram também o auxílio financeiro e a cooperação dispensada noutros domínios pela principal potência vencedora, os Estados Unidos, e, ainda, a assunção por esta do encargo total pela defesa global no período crucial a seguir ao conflito que permitiram ao Japão apresentar-se na década de oitenta pujante de força económica e técnica, e ainda em nítida expansão, e disputar àquela grande potência, à República Popular da China e à União Soviética «a bandeira do oceano Pacífico».

Como admitem muitos estudiosos do actual momento económico, parece evidente que a pressão actual do Estado Japonês e das suas organizações nos diversos mercados e capitais do Globo acabará por se estender naturalmente em futuro próximo também a aspectos políticos, influenciando o comportamento de Governos de parceiros ou opositores nas áreas onde se empenha ou a que ainda não pode chegar. Será então, na realidade, um espaço nacional ainda mais determinado e dominador que o actual *construído sem soldados*.

Deve frisar-se que os quase 122,5 milhões de japoneses têm necessidade desse espaço para poderem manter adequado grau de prosperidade. É, porém, também desejável que a ele chegem «como cooperantes e não como adversários dos outros Estados» e, pelo que respeita ao âmbito puramente regional, fundamentalmente ao Pacífico Asiático ou à Ásia do Pacífico, que se batam pela manutenção do equilíbrio suscitado pela positiva evolução também em curso nos países vizinhos — Coreia do Sul inclusive — e que controle a nível interno a natural rebelião das suas juventudes «contra a ética de comportamento, que poderão não compreender em certo momento, dos seus ascendentes».

Gerações jovens prósperas mas esquecidas ou mal orientadas poderão tornar-se *ignitor* fácil de querelas antigas.

f. O espaço da República Popular da China

O despertar, já de certo modo audível, dos 1100 milhões de chineses teve início praticamente com o termo da Guerra Sino-Japonesa em 1945, primeiro sob a influência da doutrina marxista-leninista-maoista imposta por Mao Tsé-Tung e, a seguir, sob a égide de reformistas como Deng Xiaoping, partidários dum socialismo de base capitalista, ou seja, dum socialismo mais aproveitador de alguns benefícios do capitalismo.

O país está assim hoje orientado para a construção dum *espaço* nacional no exterior que terá, no entanto, de ser precedido de adequada reestruturação do seu extenso espaço interior, dando origem a uma situação de elevado interesse também para os países do Ocidente e do Leste da Europa pela expansão acelerada que se verificará localmente e pela influência geopolítica e geoestratégica que exercerá sobre todos os países asiáticos, uma vez que

pretende prosseguir com «a abertura dos seus cinco mil quilómetros de costa ao investimento exterior e à tecnologia que venha a acompanhá-lo».

É certo, deste modo, que em tempo mais dilatado ou mais curto se assistirá ao crescimento do país, «impulsionado por uma geração, a actual, que está ansiosa de prosperidade e por exercer influência».

4. A CONVERGÊNCIA DOS ESPAÇOS

É evidente que a extensão e o comportamento dum determinado espaço nacional muito dependerão do dimensionamento e da atitude de outros espaços interessados na mesma área e das suas características comparadas, ou seja, do valor do potencial relativo que apresentem uns perante os outros.

Em conformidade, a realização dum *espaço de qualquer domínio* — económico, político, de defesa — ou *total* poderá encontrar por parte de outros países:

- acatamento e colaboração, numa posição do dominado de maior ou menor subalternização;
- apenas acatamento, obrigando o dominador a precaver-se face à súbita e eventual movimentação do dominado;
- não acatamento, com aproveitamento pelo dominado de todas as possibilidades para manifestar a sua divergência e, em situação extrema, hostilidade.

A quase generalidade das potências europeias, nomeadamente as da NATO, asiáticas e americanas têm acatado a manifestação do espaço americano em todos os continentes, beneficiando do seu auxílio financeiro, como já vimos, e da dissuasão por ele estabelecida. Alguns casos de oposição ou não seguimento têm, no entanto, surgido, como são os da França, sempre pronta a fazer respeitar na Europa e no Mundo a sua específica vitalidade, da República Popular da China, empenhada há uma dezena de anos no desenvolvimento do seu binário expansão ideológica-abertura ao exterior, da União Indiana, instalada no difícil equilíbrio que decidiu viver entre as duas superpotências, da Argélia, da Líbia e de alguns outros Estados do Médio Oriente e da América Central que seguiram o «encosto» à grande potência de Leste e acatando o espaço que lhe corresponde.

Materializam-se neste contexto três grandes *centros de convergência ou de encontro de espaços nacionais* — no Atlântico Norte, no Próximo e Médio Oriente e no oceano Pacífico — e desenham-se três outros em grau variável de afirmação — no Atlântico Sul, no oceano Índico e na Região Antártica.

Os *três primeiros* têm de facto existência real e com destacado peso histórico:

- os do Atlântico Norte e do Pacífico foram sempre via de ligação intercontinental e de acesso a conquistas e, há apenas uma cinquentena de anos, teatro do maior conflito até então eclodido;
- o do Próximo e Médio Oriente, teatro de inúmeros eventos desde o alvorecer dos séculos e no qual nasceram Civilizações, chocaram Impérios e se impuseram Religiões, constitui charneira entre os três continentes.

Os *três últimos centros*, ainda apenas contornos, espelham já todavia o grau de desenvolvimento da respectiva área, sendo diversa a sua situação relativa:

- o do Atlântico Sul, talvez o mais destacado, ir-se-á patenteando mais firmemente à medida que se afirmem os espaços dos países situados ao longo das suas costas — Brasil, Argentina, República Popular de Angola e República da África do Sul;
- o do oceano Índico, do mesmo modo, agora com interesse para a projecção dos espaços dos países da África Oriental, da União Indiana e da Austrália;
- o da Região Antártica, que tem sido desde o princípio do século XX, fundamentalmente, área de penetração visando obter supremacia, não assumiu ainda maior projecção pelas dificuldades naturais de fixação no seu meio físico, pela falta de recursos técnicos adequados para as anular e pela existência noutras áreas do Globo mais acessíveis de algumas das matérias-primas que se sabe encontrarem-se sepultadas no seu interior.

Dedicaremos a seguir mais algumas considerações ao centro de convergência do oceano Pacífico uma vez que aí se destacam hoje potencialidades em acelerada formação e em confronto com outras estabelecidas que levam a apontá-lo como *congregador* certo, em futuro muito próximo, das atenções, cuidados e atitudes de todos os Estados do Globo.

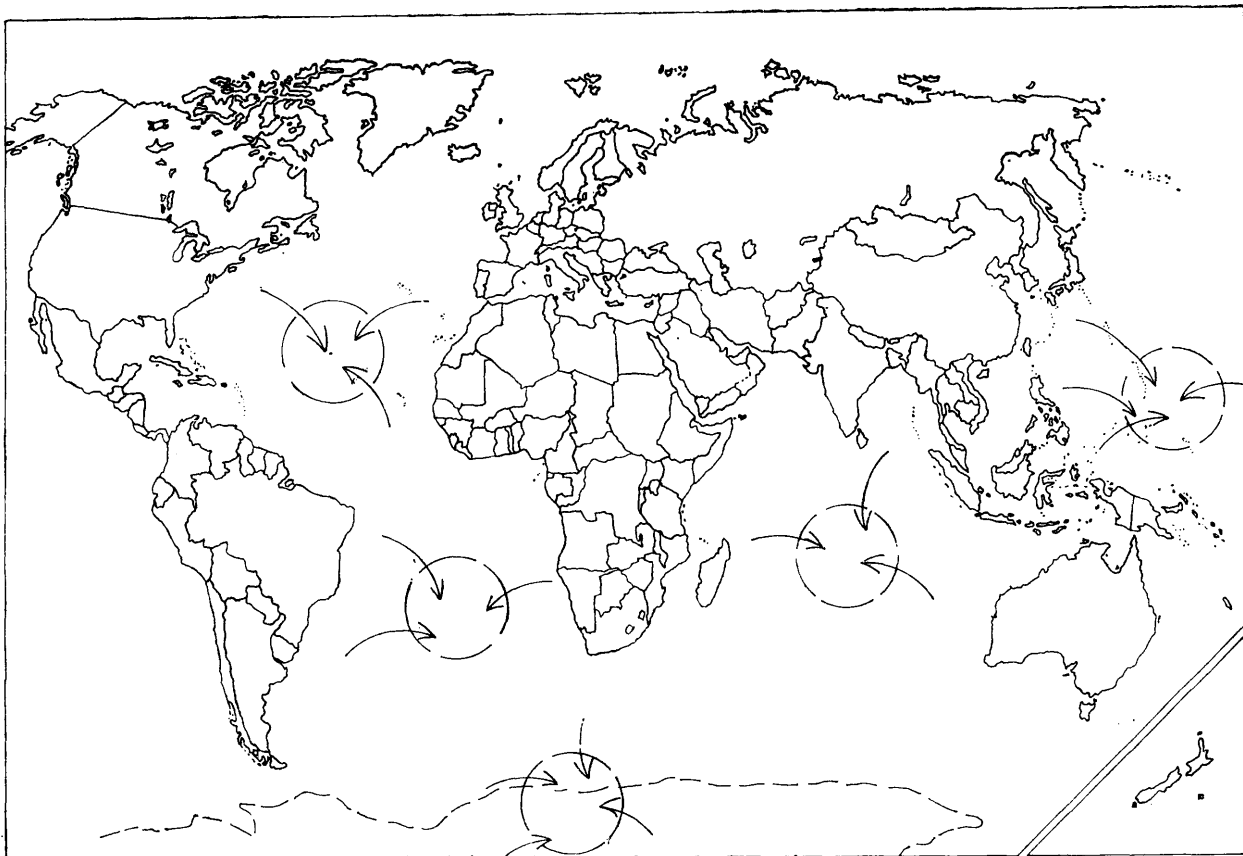


Fig 3 — CENTROS OU ÁREAS DE CONVERGÊNCIA DE ESPAÇOS NACIONAIS

5. OS ESPAÇOS NO PACÍFICO

Na extensa área desta enorme massa líquida polvilhada de ilhas e arquipélagos que é o oceano Pacífico e nos territórios que por leste e oeste o limitam, o predomínio aeronaval das forças dos Estados Unidos confere a este país o título de *potência do mar* enquanto que a União Soviética e a República Popular da China, embora estejam também em condições de accionar localmente consideráveis meios marítimos e aeroespaciais, serão as *potências de terra*.

Dos efectivos das três potências em presença são os correspondentes à República Popular da China os que se apresentam presentemente *mais concentrados* — menores dimensões do território, mais elevada população e inexistência de missões de ocupação a nível global — e, conseqüentemente, os que se encontram em condições de empenhamento em prazo mais curto. A relação Força/Tempo ser-lhe-á assim aparentemente favorável nos períodos iniciais dum eventual conflito, mas irá sucessivamente diminuindo à medida que as duas outras potências possam reforçar e desencadear, aligeiradas de responsabilidades noutras áreas, os seus mecanismos de intervenção.

No quadro das *possibilidades e do comportamento actuais* das principais potências da área poderá afirmar-se que a União Soviética se encontra, como por toda a parte, em *reestruturação*, que a República Popular da China, o Japão e a Coreia do Sul estão em *expansão* e que os Estados Unidos, mantendo-se no anterior grau de potencial, se encaminham para uma relativa *regressão*, surgindo como perspectivas particulares de conjunto em futuro próximo «o salto do real crescimento económico da Coreia do Sul para a sua liderança económica na área» e o incremento no domínio económico do Japão a níveis também local e global.

Estará assim em curso, portanto, no Pacífico, uma luta de influências entre a República Popular da China, a Coreia do Sul e o Japão e a transferência do domínio que os Estados Unidos aí vêm exercendo para uma potência asiática, sendo aliás esta situação última de muito agrado para todas as Nações locais.

Todavia tal evolução da situação levará, admite-se, ainda o seu tempo, dado que o esteio militar dos poderios económicos, indispensável na presente

conjuntura para dissuadir, não assumiu até este momento níveis adequados, a não ser que:

- os Estados Unidos decidam retirar de imediato as suas forças para diminuir os actuais encargos
- ou sofram brusco colapso no seu mercado interno.

Se qualquer destes casos se produzir, acelerar-se-á então, sem dúvida, a luta pelo predomínio local com consequências imediatas e a longo prazo de prognóstico difícil.

6. «REQUIEM» PELO ESPAÇO AMERICANO?

Admitem alguns teóricos, face ao panorama apresentado, que todo o enorme e bem organizado espaço nacional dos Estados Unidos se encontra hoje, efectivamente, decorridos mais de quarenta anos sobre a sua formação, a sofrer ou prestes a sofrer de nítidos *entraves* de todos os domínios que limitam ou dificultam a sua expressão, ainda que continue a ser muito volumosa a sua armadura económica e militar na maior parte das áreas de interesse e sejam as mesmas as suas dimensões.

Enunciam-se, particularmente, entre esses *entraves*:

- reais insuficiências de ordem económica e financeira a nível interno;
- ascensão natural de outras potências, porventura hoje mais dinâmicas e ambiciosas;
- cansaço e saturação entre os americanos da generalidade da sua intervenção no Globo nas últimas décadas;
- preocupação do Estado Americano e das suas Instituições dominantes em manter o seu todo magestático sem atender à evolução à sua volta, resvalando por extravagância, exaustão imprevidente de recursos, falta de chefes e falta de objectivos bem definidos, oposição racial e desequilíbrio social para uma situação muito instável;
- incongruências permanentes e falhas na sua presença política e estratégica nas diversas áreas nevrálgicas do Globo.

Em acréscimo destes aspectos, na realidade aparentemente conducentes à regressão ou, como já se disse, «estilhaçamento» do espaço americano,

alinham-se os *eventos* dominantes seguintes que, objectiva ou subjectivamente, também o contrariam:

- «abertura» proclamada em princípios de 1986 por Mikhail Gorbachev e consequente diminuição do sentimento de ameaça que a União Soviética vem representando;
- desenvolvimento económico e social verificado na generalidade dos países do Ocidente;
- reafirmação dos direitos de independência e de soberania por muitos Estados dependentes;
- vontade manifestada pela generalidade dos povos de se assumirem livremente nas suas virtualidades e possibilidades.

Mas existe ainda *um outro aspecto*, este subjectivo, que vem influenciando desde sempre a projecção do mesmo espaço: os agentes e as organizações militares e civis americanas dispersos pelo Mundo têm sempre manifestado uma ostentação de riqueza e prosperidade que não é bem vista pela maioria das populações dos países em que se encontram, umas por serem demasiado pobres e se agigantar consequentemente nas suas mentes o binómio riqueza-pobreza, outras porque, embora com algumas potencialidades, sempre foram relegadas economicamente e socialmente para modesta posição ou simplesmente dominadas e ainda outras, estas porventura as mais influentes na instabilidade desse espaço, porque são credoras duma longa história de realizações e exibem motivações e interesses locais e globais que vêm desejando ver respeitados.

Como testemunho afirmativo da decadência presente ou próxima do Império Americano, referia há pouco um pensador que «nos seus dias de glória, a Inglaterra e o seu Império utilizaram uma *estratégia marítima* em que o poder naval servia de apoio à realização das necessidades de todos os domínios — era de facto o vector marítimo que tudo subordinava e comandava». Os Estados Unidos, porém, «tendo-a substituído praticamente por todo o Globo, jamais souberam cimentar uma estrutura análoga ao longo destes anos, apenas olhando o Mundo através das suas necessidades militares, das suas condições de defesa e das dos seus aliados e da sua segurança» e olvidando outros domínios hoje vitais para a continuidade da sua afirmação interna e externa. O poderio do país terá vindo a residir apenas no *reconhecimento da sua força*, arriscando-se como tal a ser apeado

do pedestal de superpotência «sem ter ainda encontrado forma de adaptação a um sistema previsivelmente mais pacífico em que acabarão por se destacar os grandes empórios económicos e sociais e se esbaterá paralelamente o domínio das armas». Os seus 600 000 homens armados têm defendido por toda a parte o seu território e o dos seus aliados mas não têm contribuído grandemente, durante todo o período do pós-guerra, para a criação na mente dos americanos duma ideia de vida próspera, que esta têm efectivamente, mas sem medo e sem intranquilidade.

Povo que se «libertou» na segunda metade do século XVIII e foi exemplo e apoio para a libertação doutros Povos, parece ter na verdade «enquistado» numa óptica de segurança que o alarma e limita sempre que os seus conceitos são postos à prova e não acompanhados.

«Requiem», de facto, para o espaço nacional americano construído após a Segunda Guerra Mundial?

De acordo com o que vem sendo referido, poderá responder-se que ele estará efectivamente a ser ultrapassado e contestado em muitas áreas e que o seu grau de regressão relativa, actualmente visível, se tornará mais acentuado quando o poder militar dos outros Estados se aproveitar do respectivo poder económico para se desenvolver também, realizando mais uma vez a constatação universal de «andarem geralmente a par».

E transcrevemos, como remate duas ideias que muito poderão significar: «O Século Americano terminou pois a ordem mundial está a mudar. Mas o seu eclipse não é inelutável; num país onde as populações podem eleger livremente os seus chefes e adoptar o modo de vida que pretendem o futuro é apenas um problema de escolha.»

7. ALGUMAS CONCLUSÕES

As considerações apresentadas encaminham-nos para as *conclusões* dominantes seguintes de entre todas as que o respectivo desenvolvimento poderá permitir:

- a) O *espaço nacional* constitui um todo objectivo e subjectivo natural de todas as Nações — grandes, pequenas, ricas ou pobres — que é produto e acompanha a manifestação da sua vitalidade, aceitando-se

- universalmente que haja por ele empenho permanente mas sem prejuízo do equilíbrio internacional e da paz;
- b) A sua expansão pela violência tem dado origem a conflitos mais ou menos alargados no tempo e no espaço, constituindo a que foi ensaiada entre 1939 e 1945 pela Alemanha, Itália e Japão, paradigma de desrespeito pelas outras Nações, de imposição racial, de imposição ideológica e de desprezo por todas as convenções internacionais e motivo de descrédito no contexto universal;
 - c) Após aquele conflito, todas as Nações do Globo, isoladas ou reunidas em alianças ou comunidades, prosseguiram na manutenção, recuperação e defesa do espaço que passou a interessar-lhes;
 - d) O desenvolvimento que vem sendo constatado no Mundo em todos os domínios, nomeadamente nos da Organização, da Cultura e da Técnica, tornou os diversos espaços concorrentes ou colidentes entre si na imposição dos aspectos que os caracterizam;
 - e) Por outro lado, o incremento do nível de importância de muitas Nações, a estagnação de outras e o retrocesso de algumas têm feito evoluir o dimensionamento e a projecção do respectivo espaço originando por todo o Globo nova estrutura de áreas de influência e de afirmação.
 - f) As presentes características do desenvolvimento acelerado do Japão e da Coreia do Sul e a explosão admitida em curto prazo do da República Popular da China tornar-se-ão factores da variação próxima dos espaços por todo o Globo em geral e na bacia dos oceanos Pacífico e Índico em particular, sendo de admitir, conseqüentemente, a afirmação por aqueles países do *espaço* que julgem dever caber-lhes e, ao contrário, a *limitação* do espaço que hoje patenteiam e defendem os Estados Unidos, a União Soviética e outras Nações influentes;
 - g) A paz no Mundo, é ainda de destacar, continuará a depender da forma mais ou menos hostil ou mais ou menos harmónica como se for produzindo o reajustamento local, regional ou global de todos os espaços nacionais.

Abril, 1988.

José Lopes Alves
General